
O Conceito de Necrolândia: Esboçando Considerações Iniciais¹

Breno da Silva CARVALHO²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

A partir das noções de necromarketing (Wojciechowski, Shelton, 2014; Shelton, Wojciechowski, 2020); necropolítica (Mbembe, 2016); necrotecnologia (Vaz, 2023) e necrocapitalismo (Miranda, 2021), o artigo esboça a noção de "necrolândia" ao reconhecer o "necro" como prática presente nas relações constitutivas de panoramas globais – etnopanorama, tecnopanorama, finançopanorama, midiapanorama e ideopanorama (Appadurai, 1990). Metodologicamente, busca-se reconhecer os processos de (in)comunicação (Wolton, 2006, 2022, 2023) e as arenas de disputa dos panoramas, além identificar estratégias de enfrentamento a serem implementadas nestes espaços sociais (Massey, 2008), interessadas em destituir a formação de uma "necrolândia", ou seja, um espaço socialmente legitimado de natureza sepulcral.

PALAVRAS-CHAVE: necrolândia; globalização; panoramas; espaço social; incomunicação.

1. Introdução³

Para o dicionário Houaiss (Necro, 2023), "necro" corresponde a um "elemento de composição – antepositivo, do grego *nekrós,ouí*, 'morto, cadáver'". Trata-se, explicitamente, de um prefixo que alude a algo "morto". Na contemporaneidade, o "necro" dissemina-se em diferentes panoramas globais (Appadurai, 1990), revestindo suas relações constitutivas e a dinâmicas entre tais instâncias. Para o autor, o atual contexto mundial leva ao surgimento de cinco panoramas, a saber:

- i. O etnopanorama, relacionado ao aumento das paisagens étnicas;
- ii. O tecnopanorama, apoiado na difusão tecnológica;
- iii. O finançopanorama, indicativo da hegemonia do capital financeiro;
- iv. O midiapanorama, focado na habilidade de produção e disseminação de informações e imagens pela mídia;
- v. O ideopanorama, alusivo à concatenação de ideias e visões de mundo.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação a ser realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Professor do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda do DECOM/UFRN, e-mail: brenosc@uol.com.br

³ Este artigo consiste em produção inicial decorrente do projeto de pesquisa "Necrolândia: dinâmicas da (in)comunicação em panoramas sociais", financiado pela CNPq e pela UFRN através do Edital nº01/2023.

É pertinente conceber que tais panoramas requerem a instituição de um "espaço": um ambiente fluido, dinâmico, proveniente da interação de humanos, não humanos e da materialidade, conforme acepção de Massey (2008). O "espaço" aqui identificado supera a dimensão interativa, já que sua amplitude reside na capacidade de voltar-se para as ações realizadas pelos indivíduos e abrir-se para a possibilidade de existir multiplicidade – seja pela diferença ou pela heterogeneidade.

Ao propor uma interpretação mais ampla e permissiva, Massey (2008) defende uma noção de diferença que permite a alteridade, porém é preciso refletir sobre a presença do "necro" nessa dinâmica de interações sociais. A simultaneidade da vida entre os indivíduos proporciona o encontro em algum momento da história em um dado espaço – lócus este que considera o repertório dos sujeitos, bem como suas trajetórias.

Neste sentido, deflagra-se um problema: se este espaço reveste-se de historicidade e se constitui enquanto processo, como considerar esta dinâmica de convivência e comunicação entre atores sociais? A fim de buscar uma solução, recorre-se, metodologicamente, à revisão bibliográfica e aos parâmetros de Wolton (2006, 2022, 2023) para compreender os desacordos de negociação e de convivência coletiva por meio da noção de (in)comunicação nestes espaços, eventualmente, necrosados.

É a partir dessa fundamentação teórica que se apresenta o objetivo do presente artigo: investigar a presença do componente "necro" revestindo as relações constitutivas entre os diferentes panoramas globais – etnopanorama, tecnopanorama, finançopanorama, midiapanorama e ideopanorama (Appadurai, 1990), a fim de compreender os jogos comunicativos manifestos.

2. Sobre o "necro" no pensamento social

Na literatura sobre o pensamento social contemporâneo, o uso do prefixo "necro" emerge em 2014 (e avança em 2020) com a proposição do termo "necromarketing" por Amiee J. Shelton e Łukasz P. Wojciechowski (Wojciechowski, Shelton, 2014; Shelton, Wojciechowski, 2020). Na visão dos autores, o "marketing da morte" deriva do uso de diversos métodos de comunicação persuasiva já estabelecidos.

Através de tais recursos são apresentadas situações e/ou objetos implícita ou explicitamente associados à morte ou parasitas do seu universo, a fim de provocar um apego emocional ao fato ou à causa em divulgação. Assim, torna-se oportuno substituir os estudos com foco no recurso persuasivo pautados seja no apelo do medo ou em outros aspectos emocionais. Para ambos, a análise concreta do necromarketing demanda a ideia de morte como parte constitutiva da abordagem do assunto pela mídia.

Inegavelmente, a acepção sobre a morte ganha destaque em Achille Mbembe (2016) a partir da noção de "necropolítica". Para Mbembe (2016), a necropolítica firma-se quando os modos contemporâneos subjagam a vida ao poder da morte, o que leva à reconfiguração das relações entre resistência, sacrifício e terror.

Ao aglutinar as concepções de necropolítica e necropoder, criam-se e emergem os "mundos de morte", tidos como "formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de 'mortos-vivos'" (Mbembe, 2016, p. 146). Para o autor, a institucionalização de um necropoder como *modus operandi* social faz com que as fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, martírio e liberdade sejam dissolvidas.

Avançando o debate, Gabriel Miranda (2021) concebe o necrocapitalismo como "o termo mais adequado para [definir] [...] o caráter sistêmico de produção da morte no capitalismo" (Miranda, 2021, p. 26). Para tanto, o autor baseia sua visão na obra de Mbembe (2016) em problematização à "noção sistematizada de uma política endereçada à produção da morte" (Miranda, 2021, p. 16), concebidas, previamente, por pensadores como Giorgio Agamben (2007) e Michel Foucault (2014) com diferentes nuances.

Ainda à luz dos ensinamentos de Achille Mbembe (2016, 2018), outro autor traz à tona nova concepção a partir do "necro": Jeferson da Costa Vaz (2023) formula o termo "necrotecnologia" em diálogo com as contribuições teóricas de Franz Fanon (1961, 2008, 2021). A hipótese trabalhada pelo autor é que no artigo "Aqui a voz da Argélia..." (2021), originalmente publicado em 1959, Fanon teria proposto uma necrotecnologia, a qual pode ser reconhecida como uma das dimensões da necropolítica (Mbembe, 2016).

Em sua argumentação, Vaz (2023) aponta como Fanon reconhece o uso da tecnologia pela metrópole francesa como forma de promover a morte do povo argelino,

principalmente, nas esferas cultural e simbólica. Segundo ele, "por efeito da dominação, a potência vital do povo africano e afrodescendente é reduzida, pois a colonização opera com o intento de conduzir a expressão autêntica do povo colonizado à inércia" (Vaz, 2023, p. 91).

Tal contextualização é definidora para o reconhecimento da presença do "necro" no passado. Se o poder, a dominação e a morte manifestaram-se ao longo, por exemplo, da trajetória colonial, resta na atualidade atentar para a presença de cadáveres sociais em panoramas globais cotidianos – alguns deles com clara projeção local.

3. O "necro" entre nós

Para efeito de análise e de melhor compreensão do debate aqui apresentado, são selecionados cinco exemplos como forma de ilustrar a base teórico-conceitual em discussão. São eles:

i. O etnopanorama materializa-se através do debate público em torno do marco temporal acerca da demarcação de terras indígenas no país (O que é, 2023) a ser votado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) ainda em 2023;

ii. O tecnopanorama repousa, por exemplo, na atual elaboração do Projeto de Lei (PL) 2630/2020, conhecido como PL das Fakes News, o qual "institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet" (Projeto, 2020);

iii. O finançopanorama expressa-se com o escândalo financeiro da varejista *Americanas* e de seus dirigentes – Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Carlos Alberto Sicupira, tidos como os empresários mais ricos e respeitados do país (Dieguez, 2023).

Estes três exemplos tornam-se representativos na medida em que mobilizam "narrativas midiáticas" (Carvalho, 2016) em suas dinâmicas comunicacionais. Ou seja, são episódios que mobilizam (des)acordos de negociação e de convivência coletiva (Wolton, 2006, 2022, 2023) em determinados "espaços sociais" (Massey, 2008). Por sua vez, há fenômenos de outras naturezas, como pode ser identificado nos outros dois panoramas, a saber:

iv. O midiapanorama pode ser ilustrado por meio de "Vai na Fé", novela das sete, exibida pela Rede Globo em 2023, assinada por Rosane Svartman, reconhecida pelo representativo percentual de atores/atrizes negros na obra – 70% (Pavão, 2023);

v. O ideopanorama exemplifica-se por meio da noção de afrofuturismo na condição de "movimento cultural, estético e político [...] que utiliza elementos da ficção científica e da fantasia para criar narrativas de protagonismo negro, por meio da celebração de sua identidade, ancestralidade e história" (Afrofuturismo, 2020?).

A ficção televisiva brasileira e o movimento articulam-se como uma alternativa de enfrentamento diante de pensamentos e práticas conservadoras, constituindo-se como ações de insurgência – sendo respeitadas suas características de produção e materialização, já que se está diante de um produto midiático ("Vai na Fé") e um conjunto de ideias, como o Afrofuturismo suscita. Esta interação articula-se ainda com os referenciais que pautam o movimento afrofuturista (Afrofuturismo, 2020?; Gallo, 2023), uma vez que a novela assume relevância na atualidade pelo modo como maneja ações de representação e representatividade para o negro na telenovela brasileira (Grijó, Sousa, 2012).

De posse destes exemplos, expande-se a identificação de fatos e ocorrências prejudiciais à vida social, como também se reconhece as estratégias de enfrentamento e de insurgência. Tais ações são imprescindíveis quando o "necro" materializa-se como espaço social próprio com cidadãos pleiteando sua defesa e manutenção por meio de condutas de letalidade, como ações de supremacia, subserviência, segregação, domínio, colonialidade entre outras práticas identificadas na atualidade. Este conjunto de práticas expõe o que se pode designar como "dinâmicas de mundos de morte", praticadas no cruzamento entre as relações mercantis e sociais à luz de um capital funesto.

Entre outras ações desta natureza, pode-se identificar ainda, por exemplo, a exclusão de corpos racializados na mídia, a estruturação de sistemas de produção escravistas em fábricas brasileiras, as diversas práticas de racismo retratadas com regularidade pela mídia nacional, o avanço da performatividade algorítmica e seus vieses construtivos no estabelecimento de padrões de produção de conhecimento etc. É este cenário nocivo que se constitui como uma "necrolândia".

Como contrapartida, pode-se pensar ainda em iniciativas de reparação social e na exposição de estratégias de enfrentamento ao "necro" como uma medida urgente de insurgência e de ressignificação do fazer social na contemporaneidade a partir e em celebração à vida. Neste sentido, justifica-se a proposição de debates desta natureza

como forma de contribuir para a reflexão sobre os processos de (in)comunicação, conferindo atenção às arenas de disputa e de negociação em diferentes panoramas.

4. Considerações finais

Um artigo com o intuito de esboçar considerações iniciais sobre o termo "necrolândia" deve refutar o encerramento do debate nestas páginas. A articulação de teorias comunicacionais com outras áreas de saber, como filosofia, antropologia e sociologia é necessária para a construção de uma reflexão com tal densidade.

O devido amadurecimento desta formulação tende a suscitar retornos para o próprio campo da comunicação, o qual se traduz no ineditismo do conceito e em sua clara transdisciplinaridade, uma vez que se busca debater um tema social candente.

Recorrer a tal ocorrência aprofunda a análise teórica a partir de questões originais e inovadoras, o que tende a aproximar o debate científico da sociedade em geral – ação de extrema relevância para a ampliação do alcance da produção de conhecimento na contemporaneidade. Assim, espera-se que tal reflexão permita o reconhecimento dos processos de (in)comunicação, conferindo atenção às arenas de disputa nos diferentes panoramas, como forma de destituir qualquer possibilidade de formação de uma "necrolândia" – um espaço socialmente legitimado de natureza sepulcral.

REFERÊNCIAS

AFROFUTURISMO. *In: Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: 2020?. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/afrofuturismo>. Acesso em: 03 jul. 2023.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

APPADURAI, Arjun. Disjuncture and difference in the global cultural economy. **Public Culture**, Durham, v. 2, n. 2, p. 1-24, 1990.

BECKER, Ernest. **The denial of death**. New York: Simon & Schuster, 1973.

CARVALHO, C. A. As mídias como metáforas narrativas: apontamentos sobre a necessidade metodológica de não desprezar as textualidades. *In*: MOURA, C. P.; LOPES, M. I. V. (orgs.). *Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, p. 257- 276.

DIEGUEZ, C. A fraude titânica. **Piauí**, Rio de Janeiro, jun. 2023, p. 44-53.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Lisboa: Ulisseia, 1961.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. Aqui a voz da Argélia... **Rev. Fil. Aurora**, Curitiba, v. 33, n. 59, p. 677-704, mai-ago, 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

GALLO, Fernanda (org.). **Breve dicionário das literaturas africanas**. Campinas: Ed. Unicamp, 2023.

GRIJÓ, Wesley; SOUSA, Adam. O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações. **Estudos em Comunicação**, Covilhã/Portugal, n. 11, p. 185-204, mai. 2012.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação & Educação**, n. 26, p. 17-34, 2003.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Maria Immacolata Vassallo de Lopes e os 30 anos do Centro de Estudos de Telenovela da USP: uma jornada narrada pela teleficção. **Matrizes**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 103-112, jan./abr. 2023. Entrevista concedida a Marcel Antonio Verrumo, Lourdes Ana Pereira Silva e Renata Pinheiro Loyola.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Artes & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, 2016.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: Editora n-1, 2018.

MIRANDA, Gabriel. **Necrocapitalismo**: ensaio sobre como nos matam. São Paulo: Lavrapalavra, 2021.

NECRO. In: **HOUAISS**. [S. l.]: 2023. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 07 mai. 2023.

O QUE É marco temporal e quais são os argumentos favoráveis e contrários. **Câmara dos Deputados**, 29 mai. 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/966618-o-que-e-marco-temporal-e-quais-os-argumentos-favoreis-e-contrarios>. Acesso em: 05 jul. 2023.

PAVÃO, Filipe. Ator de Vai na Fé: '70% do elenco é preto e não é uma novela de escravos'. **Splash UOL**, São Paulo. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/01/18/samuel-de-assis-comemora-representatividade-em-vai-na-fe-globo.htm>. Acesso em: 05 jul. 2023.

PROJETO de Lei nº 2630, de 2020. Institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. **Senado Federal**, Distrito Federal, 13 mai. 2020. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/141944>. Acesso em: 13 jul. 2023.

ROCHA, Maria Eduarda da Mota. **A nova retórica do capital**: a publicidade em tempos neoliberais. São Paulo: Edusp, 2010.

SHELTON, Amiee J.; WOJCIECHOWSKI, Łukasz P. Necromarketing as advertising strategy in american television. **Studia de Cultura**, v. 12, n. 2, p. 18-34, 2020.

SVARTMAN, Rosane. **A telenovela e o futuro da televisão brasileira**. São Paulo: Cobogó, 2023.

VAZ, Jeferson da Costa. A necrotecnologia como uma dimensão da necropolítica: entre Fanon e Mbembe. **Metaxy**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 83-96, 2023.

WOJCIECHOWSKI, Łukasz P.; SHELTON, Amiee J. Necromarketing in advertising. **Studia Ekonomiczne**, NR205, p. 91-97, 2014.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

WOLTON, Dominique. **Um brinde à incomunicação**: reflexões a partir da Europa. São Paulo: Paulus, 2022.

WOLTON, Dominique. **Comunicar é negociar**. Porto Alegre: Sulina, 2023.